

Mídias, novas tecnologias e inteligência artificial

Em 1996, o sociólogo francês Pierre Bourdieu (1930-2002) fez as seguintes afirmações em relação à televisão e aos apresentadores dos programas assistidos pela população:

A televisão tem uma espécie de monopólio de fato sobre a formação das cabeças de uma parcela muito importante da população. Ora, ao insistir nas variedades, preenchendo esse tempo raro com o vazio, com nada ou quase nada, afastam-se as informações pertinentes que deveria possuir o cidadão [...].

[...] a televisão não é muito propícia à expressão do pensamento. [...] E um dos problemas maiores levantados pela televisão é a questão das relações entre o pensamento e a velocidade. Pode-se pensar com velocidade? Será que a televisão, ao dar a palavra a pensadores que supostamente pensam em velocidade acelerada, não está condenada a ter apenas *fast-thinkers*, pensadores que pensam mais rápido que sua sombra...?

[...]

Mas, sobretudo, estando em condições de ter acesso permanente à visibilidade pública, à expressão em grande escala, inteiramente impensável, pelo menos até o surgimento da televisão, para um produtor cultural, mesmo muito célebre, eles podem impor ao conjunto da sociedade seus princípios de visão do mundo, sua problemática, seu ponto de vista.

BOURDIEU, P. *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. p. 23, 39, 26 e 66.

A instalação *The weather project* (2003), do artista islandês-dinamarquês Olafur Eliasson (1967-), utiliza neblina artificial, espelhos e uma grande luz semicircular para criar uma representação artificial do Sol e do clima, questionando a percepção humana da natureza e a influência da tecnologia na experiência do mundo natural.

Olafur Eliasson. *The weather project*, 2003. Installation view: Tate Modern, London, 2003; Photo: Tate Photography | Andrew Dunkley & Marcus Leith; Courtesy of the artist; neugerriemschneider, Berlin; Tanya Bonakdar Gallery, New York / Los Angeles © 2003 Olafur Eliasson



Instalação *The weather project*, de Olafur Eliasson, exibida na Turbine Hall do museu Tate Modern. Londres, Reino Unido, 2003-2004.

Para compreender melhor essas ideias, apresentaremos, neste capítulo, os meios de comunicação de massa desde meados do século XX até as mídias digitais na atual sociedade global – também conhecidas como Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) –, fenômeno proporcionado pelos rápidos avanços tecnológicos que temos presenciado nas últimas décadas, impulsionados recentemente pela chamada inteligência artificial (IA).

Nosso debate, do ponto de vista da leitura sociológica, estará centrado na forma, no poder de influência e na mudança que todas essas mídias exercem nas relações sociais.

Questionamentos

1. Você considera que podemos ser manipulados por programas televisivos? Explique sua resposta.
2. O que você acha que Bourdieu diria hoje sobre as redes sociais digitais?
3. Qual será o impacto futuro do avanço tecnológico nos meios de comunicação?



Uma revolução que não para...



Você deve estar acostumado a receber muitas informações todos os dias. Como o próprio nome permite entender, os **meios de comunicação de massa** correspondem a todas aquelas mídias – ou seja, aos suportes necessários à transmissão de informações – que podem atingir a maior parte da população do planeta. Como o acesso a diversos meios tem crescido de forma bastante acelerada em nível mundial neste século XXI, as mídias digitais se transformaram, em poucos anos, nos principais meios de comunicação de massa.

Antes do surgimento das mídias digitais, a transmissão de dados ocorria por meio da instalação de antenas nas partes mais altas da localidade. As parabólicas são antenas que recebem sinais das redes de comunicação via satélite e foram muito utilizadas em diversas residências, sobretudo nas localizadas nas zonas rurais.



João Prudente/Pulsar Imagens

Casa de bairro rural com antena parabólica instalada. Bueno Brandão (MG), 2023.

A televisão, citada por Bourdieu, tem acompanhado os avanços das **Novas Tecnologias da Informação e Comunicação** (NTICs), superando em alcance, velocidade de dados e recursos as antigas redes de transmissão de sinais.

As redes de transmissão via internet e a cabo estabeleceram um novo formato para o compartilhamento dos programas de diversos tipos (noticiários, eventos esportivos, filmes, séries, desenhos, entre outros) que hoje compõem um “cardápio” de opções oferecidas pelos chamados serviços de *streaming*, por meio de aparelhos de TV cada vez maiores e mais sofisticados, assim como pelo acesso via computadores, *tablets* e celulares.

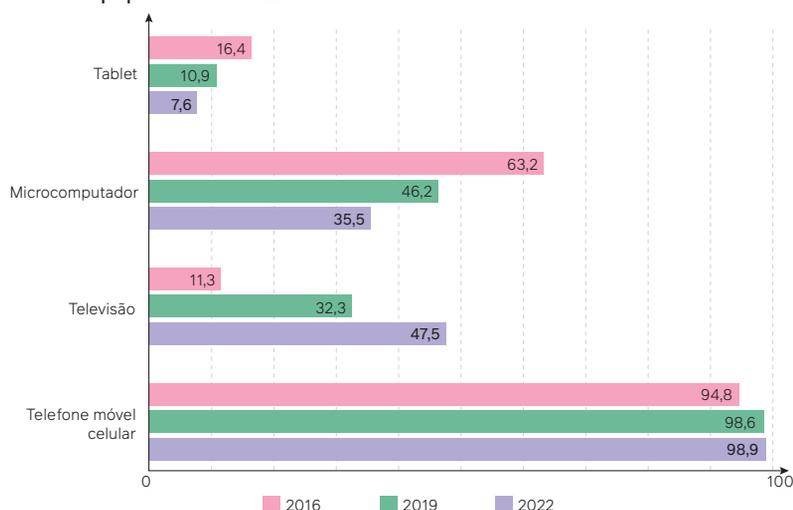
Tanto nas grandes quanto nas pequenas cidades, pessoas estão utilizando cada vez menos os correios e os telefones convencionais para se comunicar, dando preferência aos celulares, aos *e-mails*, às chamadas de vídeo, aos *chats*, aos aplicativos de trocas de mensagens e às redes sociais. O fato de poder comunicar-se em tempo real com pessoas de diferentes localidades, inclusive de outros países, torna as modernas ferramentas de comunicação ainda mais atrativas para a sociedade, sobretudo para as pessoas mais jovens.

A rotina de estudos também foi amplamente impactada pelas TICs. Se no passado era necessário adquirir livros, fazer cópias impressas de materiais ou deslocar-se fisicamente até bibliotecas, atualmente é possível consultar acervos de diversas partes do mundo na internet ou fazer uma pesquisa sobre determinado assunto por meio de um *site* de buscas por imagens, vídeos e textos. Observe o gráfico a seguir, que demonstra o crescimento exponencial da utilização das novas tecnologias da informação em detrimento das mídias convencionais do século XX.

Percentual de acesso à internet por pessoas de 10 anos ou mais de idade, por equipamento utilizado no Brasil – 2016-2022

TDP Studio

Por equipamento utilizado



Com base nos dados divulgados pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua) em 9 nov. 2023, cerca de 161 milhões de pessoas com 10 anos ou mais de idade utilizaram a internet no Brasil em 2022. O equipamento mais utilizado foi o celular, seguido pela televisão, pelo microcomputador e, por último, pelo *tablet*.

Fonte: 161,6 MILHÕES de pessoas com 10 anos ou mais de idade utilizaram a internet no país em 2022. Agência IBGE Notícias, 9 nov. 2023. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/38307-161-6-milhoes-de-pessoas-com-10-anos-ou-mais-de-idade-utilizaram-a-internet-no-pais-em-2022>. Acesso em: 16 set. 2024.

Internet e as novas formas de mobilização

O desenvolvimento das novas tecnologias da informação está revolucionando hábitos, costumes e modos de pensar dos povos e indivíduos, mas, além disso, elas têm sido cada vez mais importantes como parte da organização de movimentos sociais e de mobilizações político-ideológicas da sociedade. Podemos constatar atualmente que as redes sociais cumprem um papel importante de mobilização da juventude e da população em geral nos diversos países do mundo, como ocorreu durante revoltas de caráter popular, como a Primavera Árabe.

As redes sociais também têm sido utilizadas para a mobilização política no Brasil, como vem acontecendo desde as manifestações de junho e julho de 2013. Esses atos públicos, tanto no exterior como no Brasil, costumam ser transmitidos ao vivo pelas redes sociais, disponibilizados posteriormente em publicações de fotografias e vídeos, entre outros formatos. Além disso, cada vez mais surgem novos canais e mídias digitais voltadas para essa finalidade.

Mesmo quem não tem acesso às mídias digitais, de alguma forma tem a vida impactada por elas. Muitas decisões importantes para a sociedade, tomadas por governos, empresas e pessoas que interferem na política, na economia, na cultura, entre outros aspectos importantes relacionados à vida em sociedade, decorrem de relações estabelecidas com base nas inovações tecnológicas.

Essa reflexão é importante porque podemos afirmar que as mídias, além de informar e nos colocar em contato com outras pessoas, são importantes **agentes de socialização**, ou seja, contribuem para a disseminação de valores, ideias, atitudes e posicionamentos sobre o que ocorre no mundo. É importante ressaltar que essas mídias podem ser consideradas instituições sociais e podem transformar e produzir novas formas de relações sociais. Tais relações promovidas pelos meios de comunicação de massa, como as mídias digitais, são compreendidas, na Sociologia, sob a expressão da chamada **Indústria Cultural**, conforme já estudamos.

Mudanças de hábitos e de relações sociais

A **massificação** envolve a propagação de conteúdos e produtos em larga escala, acelerando o consumo sem proporcionar reflexões. Além disso, esse processo é influenciado pela expansão das NTICs, o que possibilitou o surgimento de formas de interação entre as pessoas que eram inviáveis há alguns anos. O uso dos celulares passou a ser quase uma regra e oportuniza mobilidade nas relações sociais, alterando comportamentos. Em determinados contextos, tais mudanças são positivas, como é o caso de familiares que podem se comunicar com os filhos adolescentes quando estes estão fora de casa. Entretanto, quando se trata das relações de trabalho, o uso do celular pode ser prejudicial ao ocupar todo o tempo das pessoas, inclusive os momentos de descanso.



Vídeo
Cultura
digital

Reality shows e redes sociais: a vida como um grande espetáculo

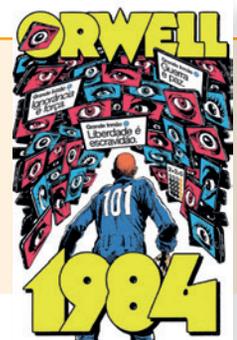
Algumas das programações veiculadas pelas redes sociais digitais estão também revolucionando certas ideias sobre **vigilância e controle** das pessoas. Um exemplo é o Big Brother Brasil (BBB), um programa exibido por uma grande empresa de mídia com ampla repercussão nas redes sociais e que tem obtido elevada audiência desde sua estreia.

Em 1999, o executivo de uma TV holandesa, John de Mol (1955-), teve a ideia de criar um *reality show* (*show da realidade*) no qual pessoas comuns seriam selecionadas para conviverem dentro de uma casa, vigiadas por diversas câmeras, 24 horas por dia. O nome do programa – Big Brother – teve como inspiração uma antiga obra literária de ficção científica, intitulada *1984*. Big Brother é um *reality show* em que, durante aproximadamente três meses, um grupo de pessoas tenta se manter o máximo de tempo possível em uma casa fechada, sem acesso a informações do mundo externo, a qualquer rede social, sem contato com amigos e familiares e, assim, conquistar prêmios, culminando em uma grande quantia de dinheiro para o vencedor. A decisão sobre quem sai e quem continua no jogo é tomada pela audiência que acompanha o programa e que, por algum motivo, toma partido de um ou mais membros da casa, votando pela internet para que um participante seja eliminado ou permaneça na competição.

Para ampliar

Leia

1984, de George Orwell (Aleph, 2021). Publicado em 1949, o romance retrata o cotidiano dos indivíduos numa sociedade totalitária. Nessa sociedade, todas as pessoas estão sob constante vigilância das autoridades. O livro denuncia o totalitarismo do Estado que, na figura de um homem, por meio de chamadas, governa de forma arbitrária e manipula o modo de pensar das pessoas.



Editora Aleph



CBS/Courtesy, Everett Collection/Fotoarena

Participantes da versão estadunidense do programa Big Brother em sua 24ª edição. Estados Unidos, 2022.

representando uma nova realidade social: nós somos vigiados, mas não no sentido de que perdemos nossa liberdade, e sim de que no mundo atual o fato de ser visto sempre passa a ser entendido como uma qualidade, já que a visibilidade é muito valorizada. Dessa forma, quanto mais você é visto, mais você participa do mundo.

Atualmente, há uma multiplicidade de *reality shows* nos canais de entretenimento dos serviços de *streaming* de todas as partes do mundo, com quase a totalidade deles transmitidos em tempo real.

O objetivo é estabelecer uma relação mais direta com o público, que, em geral, participa ativamente da torcida e das interações na modalidade remota.

Esses programas estão diretamente vinculados à condição de conexão e comunicação *on-line* permanentes e bastante recentes. No entanto, algumas reflexões teóricas que procuram explicar determinados aspectos dessa realidade não são tão recentes assim.

Espetáculo e sociedade

Um exemplo nesse sentido tem como referência o filósofo francês Guy Debord (1931-1994), que publicou, em 1967, a obra *A sociedade do espetáculo*. Nesse trabalho, Debord escreveu 221 pequenas teses a respeito da característica da sociedade contemporânea de ser controlada pela “tirania das imagens”, voltadas fundamentalmente para estimular o consumo e alienar o indivíduo da realidade da sua vida. Leia, a seguir, um excerto do livro.

A alienação do espectador em proveito do objeto contemplado (que é o resultado da sua própria atividade inconsciente) exprime-se assim: quanto mais ele contempla, menos vive; quanto mais aceita reconhecer-se nas imagens dominantes da necessidade, menos ele compreende a sua própria existência e o seu próprio desejo. A exterioridade do espetáculo em relação ao homem que age aparece nisto, os seus próprios gestos já não são seus, mas de um outro que lhes apresenta.

Eis porque o espectador não se sente em casa em nenhum lado, porque o espetáculo está em toda a parte.

DEBORD, G. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: ContraPonto, 1997. p. 25-26.

Perfil

Guy Debord

Guy Debord nasceu na França, em 1931. Foi escritor, filósofo, cineasta e um dos fundadores do movimento político e artístico Internacional Situacionista, que criticava a intrusão da economia em todos os aspectos da vida. O livro *A sociedade do espetáculo* é a sua principal contribuição na discussão sobre os efeitos da sociedade de consumo e da mercantilização da cultura no empobrecimento da qualidade de vida e dos vínculos entre as pessoas.

Guy Debord, cineasta, escritor e filósofo francês. Munique, Alemanha, 1959.



Leemage/AFP

Questionamentos

1. O que você imagina que seja a sociedade do espetáculo cunhada por Debord?
2. Podemos dizer que, ao se referir à sociedade do espetáculo, Debord antevia o poder alcançado pelas redes sociais digitais atualmente? Justifique.



A antropóloga e pesquisadora argentina Paula Sibilia (1967-), professora da Universidade Federal Fluminense (UFF), analisando as mídias digitais no tempo presente, identifica certas características comuns ao que denominou como “o *show* do Eu”, reforçando e atualizando a leitura de Debord sobre o processo de “espetacularização da vida”. Por isso o uso, por Sibilia, da palavra “*show*”, traduzindo determinado desempenho pessoal, uma *performance* que o indivíduo tem necessidade de apresentar publicamente para se sentir aceito socialmente. Trata-se, segundo a professora, de um “eu” inflacionado, inflado, que precisa ser amplamente mostrado – principalmente por meio de *selfies* quase que diárias postadas nas redes sociais. Como consequência direta dessa amostragem, há a necessidade de obter uma repercussão positiva, uma aceitação generalizada, mensurada pelo número de “curtidas” ou “compartilhamentos” – a depender do tipo de mensagem – que a postagem irá receber do público, pelos “amigos” que a seguem nas diversas redes sociais.

Sibilia chama a nossa atenção para o fato de que essa autoimagem compartilhada não significa, em momento algum, que o indivíduo esteja expondo publicamente a sua vida. Afinal, o que assistimos, por mais íntimo que seja o ambiente – assim como nos *reality shows* –, não representa quem aquela pessoa é, de fato, e sim a sua “curadoria”, ou seja, a imagem que ela deseja e procura construir para obter respostas positivas do “outro”. Há um investimento premeditado, um trabalho voltado à construção da imagem de si mesmo, agregando determinado valor. Esse valor é, inclusive, monetário e político, já que o tamanho da audiência, por um lado, pode significar contratos de patrocínio com empresas que queiram popularizar e vender o seu produto e, por outro, pode significar a aquisição de poder político por esse indivíduo, alçado à fama de “*influencer* digital”, capaz de mobilizar milhares de pessoas em prol de alguma causa ou de alguma ideia, assim como da eleição de um político ou dos projetos de um determinado grupo.

MesquitaFMS/Stockphoto.com



A publicização de imagens e opiniões nas redes sociais estão relacionadas com um processo que alguns pesquisadores identificam como “espetacularização da vida”.

Jovens utilizando celulares para trocar mensagens e acessar redes sociais.

Para ampliar

Assista

O *show* de Truman: o *show* da vida, direção de Peter Weir (Paramount Pictures, 1998, 102 min). A vida do vendedor de seguros Truman Burbank é tranquila, até certos acontecimentos levantarem suspeitas sobre como amigos, esposa e demais familiares agem com ele. Truman passa, então, a tentar desvendar a verdade sobre o controle social e a espetacularização da sua vida desde o seu nascimento.



Scott Rudin Productions

Da sociedade em rede ao colonialismo de dados: reflexões sobre o século XXI

Um dos primeiros sociólogos a abordar e analisar com profundidade a dimensão das mudanças provocadas pelas novas tecnologias dos meios de comunicação digital foi o espanhol Manuel Castells (1942-), que escreveu, na década de 1990, a trilogia *A era da informação: economia, sociedade e cultura*. No primeiro volume, Castells apresentou o conceito de **sociedade em rede** para identificar a dimensão das transformações em curso. Leia um trecho do segundo volume a seguir.

A revolução da tecnologia da informação e a reestruturação do capitalismo introduziram uma nova forma de sociedade, a sociedade em rede. Essa sociedade é caracterizada pela globalização das atividades econômicas decisivas do ponto de vista estratégico; por sua forma de organização em redes; pela flexibilidade e instabilidade do emprego e a individualização da mão-de-obra. Por uma cultura de virtualidade real construída a partir de um sistema de mídia onipresente, interligado e altamente diversificado. E pela transformação das bases materiais de vida – o tempo e o espaço – mediante a criação de um espaço de fluxos e de um tempo intemporal como expressões das atividades e elites dominantes.

CASTELLS, M. *O poder da identidade*. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008. p. 17. (A era da informação, v. 2).

A análise de Castells trata de como as mudanças tecnológicas provocaram uma nova forma de organização da sociedade capitalista, adaptada a estes novos tempos. Em sua obra, o sociólogo define esse processo de reestruturação como revolucionário, acompanhando os autores que utilizam a expressão Terceira Revolução Industrial para se referir a esse momento da história iniciado no final do século passado.

Castells detalha as etapas que levaram à constituição das empresas de tecnologia que se instalaram naquele que ficou conhecido como o Vale do Silício, ao sul de São Francisco, na Califórnia, Estados Unidos, listando o processo de inovação que teve diversas origens e motivações, reunindo o papel desempenhado pelo desenvolvimento da tecnologia militar estadunidense na década de 1960. Esse aprimoramento tecnológico culminou no programa Guerra nas estrelas, em 1983; nos experimentos dos laboratórios tecnológicos da Universidade de Berkeley; no encontro de “jovens visionários”, como Steve Jobs (1955-2011) e Steve Wozniak (1950-), que fundaram a Apple e criaram o PC (*personal computer* – computador pessoal, na sigla em inglês), o primeiro microcomputador com viabilidade comercial; no desenvolvimento de *softwares* de sistemas operacionais e na criação da Microsoft, por Bill Gates (1955-) e Paul Allen (1953-2018); no avanço da tecnologia de transmissão por cabos de fibra ótica, que servem de base para a internet nos dias atuais; entre outras tantas transformações que utilizamos no nosso cotidiano.

O sociólogo brasileiro Bernardo Sorj (1948-), diferentemente de Castells, considera que **sociedade da informação** é a denominação mais usual para o processo de mudanças relatado pelo sociólogo espanhol. Esse reconhecimento não significa, para Sorj, concordância com a expressão, já que pondera que “informação” é um termo relativamente vago, e que todas as sociedades, historicamente, se inserem em algum tipo de produção de conhecimento.

A definição sociologicamente mais adequada, segundo Sorj, seria “sociedades capitalistas de consumo de bens tecnológicos”. Dessa forma, entende-se que a tecnologia, com seus produtos e serviços que incorporam o conhecimento científico, exerce um papel inovador na mediação das relações sociais e econômicas, incluindo a comunicação e a qualidade de vida. Nesse último item, inclusive, também de forma diversa ao otimismo de Castells em relação aos benefícios futuros da sociedade em rede, Sorj se preocupa com a desigualdade social presente nesses processos de avanço tecnológico – a **exclusão digital** –, tanto na comparação entre países quanto no interior de cada um deles, como o Brasil, que é objeto de mais de um dos seus trabalhos de pesquisa.

Na leitura de Bernardo Sorj, por mais que as transformações proporcionadas pela telemática (termo que representa a interseção tecnológica entre os avanços das telecomunicações e da informática) sejam bastante significativas e impactantes, elas não interferem ou modificam radicalmente as relações sociais e não alteram a estrutura da sociedade, sua estratificação e os valores que são compartilhados.

Para ampliar

Assista

A rede social, direção de David Fincher (Sony Pictures, 2010, 121 min). Filme baseado em livro que conta a história da origem do Facebook, cujo sucesso levou Mark Zuckerberg (1984-) a se tornar o bilionário mais jovem do mundo.



Columbia Pictures

Conhecimento, cultura e transformações tecnológicas



Outra questão relevante apontada por diversos cientistas sociais que se dedicam ao tema está relacionada com o papel da informação, do conhecimento e da cultura nesse processo de transformações tecnológicas.

Numa avaliação otimista, na esteira aberta por Castells, o sociólogo tunisiano Pierre Lévy (1956-) aponta as oportunidades “libertadoras” que o desenvolvimento e a expansão das novas redes de comunicação ao redor do planeta podem proporcionar. Lévy intitula essas redes como “ciberespaço”, e as transformações radicais daí decorrentes como **cibercultura**. Haveria um novo padrão cultural no dia a dia dos indivíduos em todas as sociedades, determinado pelas mudanças comportamentais derivadas do desenvolvimento tecnológico crescente. Pierre Lévy faz uma leitura de caráter humanista desse processo, entendendo que o futuro se encontra em aberto e o acesso às novas tecnologias pode resultar em diminuição das desigualdades e redução gradual das exclusões sociais que ainda persistem.

Seguindo uma linha apontada por Sorj, mas numa visão mais radicalizada, a psicóloga social e professora estadunidense Shoshana Zuboff (1951-), da Escola de Administração de Harvard, se notabilizou por ter cunhado o conceito de **capitalismo de vigilância** para se referir a esta nova era. Sua visão é pessimista, distópica, e muitos consideram que é inspirada no romance *1984*, de George Orwell (1903-1950). Segundo Zuboff, vivemos um momento de mutação da sociedade capitalista, caracterizado pela transformação dos dados pessoais que circulam amplamente nas redes sociais em mercadoria, farta matéria-prima gratuita utilizada pelas empresas de tecnologia para fins extremamente lucrativos.

Assim, Zuboff identifica hábitos *on-line*, como assistir a filmes ou vídeos em plataformas de *streaming*, fazer uma pesquisa sobre algum tipo de roupa, comprar comida, planejar uma viagem, trocar de carro, aprender a tocar guitarra e gerar expectativas de visualizações e curtidas em publicações em redes sociais. Ela identifica até hábitos *off-line*, como andar de bicicleta, cuja prática pode ter algum tipo de interseção em algum momento com as redes sociais, como a associação do indivíduo a algum grupo de ciclistas.

Todas as empresas de tecnologia desenvolvem um sistema sofisticado de previsão de comportamento do indivíduo a ponto de antecipar os próximos passos do usuário nas redes sociais. Assim, podem vender produtos utilizando as informações fornecidas ao navegar na rede, e até mesmo sem o consentimento dos usuários, captadas pelos vídeos e microfones instalados em nossos computadores e celulares. Ainda assim, as empresas negam tais práticas.

Zuboff complementa a sua tese afirmando que, além da obtenção de altos lucros com a venda de dados pessoais, essas empresas, diante do processamento de tantas informações sobre os hábitos, gostos e renda da população de milhões de usuários, passam a adquirir, inclusive, o poder de influenciar o comportamento humano. Isso pode significar a conformação de uma sociedade caminhando de forma acelerada para a uma realidade de **distopia**.

Publicações, curtidas e comentários em redes sociais, além de acessos em sites, são utilizados como dados pelas empresas de tecnologia, que vendem aos anunciantes previsões sobre o comportamento dos usuários. Aumenta-se, então, a necessidade de modificar os comportamentos humanos em busca de incentivar o consumo e gerar montantes elevados de lucro para a indústria digital.



Mulher observando painel com diversos conteúdos digitais.

Goradenkoff/Shutterstock.com

Tecnologia e distopia

Distopia é um tipo de representação da sociedade, geralmente associada a um futuro imaginário, que é o oposto da ideia de utopia. Esta palavra – utopia – é de origem grega (“*ou-topos*” significa “lugar que não existe”) e representa um país imaginário descrito na literatura inglesa, inventado pelo escritor Thomas Morus (1480-1535), no qual um governo bem organizado proporcionava excelentes condições de vida à população.

O romance de ficção científica *1984*, escrito por George Orwell, como vimos, apresenta uma crítica a regimes totalitários e consiste em um exemplo de distopia, por ser ambientado em uma sociedade futura cujos cidadãos seriam totalmente controlados por um poder central, que manipula a verdade e utiliza alguma forma de vigilância eletrônica, correspondendo, de certa forma, ao modelo de capitalismo informacional citado por Zuboff. Podemos exemplificar também outras distopias famosas na literatura de ficção científica, tais como *Admirável mundo novo*, de Aldous Huxley (1894-1963), publicado em 1932, e *Fahrenheit 451*, de Ray Bradbury (1920-2012), de 1953. O que há de comum nessas obras, apesar das diferenças nas suas narrativas, é exatamente a descrição de sociedades distópicas e autoritárias, onde há supressão das liberdades individuais e utilização da tecnologia para manipulação de informações, controle total e repressão política.

Um subgênero dessa literatura de ficção científica remete à cibercultura: o *cyberpunk*. Nas narrativas desse tipo, o futuro distópico é focado nos excluídos pelo sistema, naqueles que vivem às margens e na periferia das cidades futurísticas, em condições muitas vezes sub-humanas. Embora o filme *Blade runner*, dirigido por Ridley Scott (1937-), lançado em 1982, tenha se tornado um clássico, o romance considerado precursor desse subgênero é a obra *Neuromancer*, de William Gibson (1948-), publicada em 1984.

Nele, um caubói do ciberespaço e *hacker* tem o seu sistema nervoso contaminado por uma toxina, impedindo-o de acessar o mundo virtual. Tem uma relação bem próxima com a história narrada no cinema pela trilogia *Matrix*, iniciada em 1999 e dirigida pelas irmãs Wachowski, sendo uma de suas inspirações, ao lado da obra *Simulacros e simulação*, escrita pelo sociólogo francês Jean Baudrillard (1929-2007) em 1981.

Todas as obras de ficção científica citadas nesse universo distópico têm como componentes centrais a referência à realidade virtual, o uso de tecnologias de informação e comunicação avançadas para controle social e o desenvolvimento da inteligência artificial.



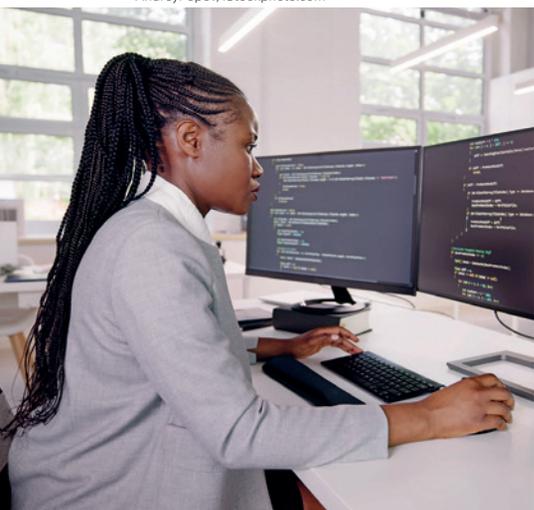
Dados e algoritmos: uma nova forma de colonialismo?

Em linhas gerais, **algoritmos** são uma sequência numérica utilizada na Matemática e em aplicações da Ciência da Computação, que tem como objetivo, na programação de dados, a execução de uma ação para resolver um problema. Pode-se entender o algoritmo como um programa, que informa à máquina (o computador) os passos e a ordem de execução de uma ação.

Essa definição ajuda a entender o que apresentamos anteriormente, com o conceito de capitalismo de vigilância, formulado por Zuboff. Quando navegamos na internet em algum aplicativo (um jogo, por exemplo), curtindo uma postagem qualquer ou buscando uma informação específica (se a pizzeria está aberta para o serviço de *delivery*, por exemplo), nós acionamos um “comando”, o qual corresponde a determinado código que é “lido” e “respondido” imediatamente (em milionésimos de segundos) pela máquina. Ela, então, nos apresenta os resultados para o que estamos buscando ou começa a repetir postagens parecidas com aquelas que acabamos de curtir ou cujo tema acabamos de pesquisar. É assim que funciona o algoritmo.

Todas as grandes corporações de tecnologia, bem como empresas capitalistas em geral, de quaisquer setores da economia, petrolíferas, redes de supermercados, empresas alimentícias ou companhias aéreas, utilizam plataformas ou aplicativos que rodam algoritmos com o objetivo de “otimizar” a experiência do consumidor. Isso permite uma leitura de seus desejos e suas preferências, facilitando a navegação do usuário no menor período de tempo possível, garantindo sua satisfação e, ao mesmo tempo, vendendo seus produtos. Quando nos referimos ao capitalismo de vigilância, portanto, estamos falando dos dados manipulados pela programação por meio de algoritmos.

AndreyPopov/iStockphoto.com



Programadora de dados compondo algoritmos.

Racismo algorítmico

Leia a seguir trechos da entrevista que o pesquisador Tarcízio Silva concedeu ao *blog* do Centro de Estudos Estratégicos da Fundação Oswaldo Cruz (CEE-Fiocruz).

Uso o termo “racismo algorítmico” para explicar como tecnologias e imaginários sociotécnicos em um mundo moldado pelo privilégio branco fortalecem a ordenação racializada de conhecimentos, recursos, espaço e violência em detrimento de grupos não brancos. Então, muito além dos detalhes das linhas de programação, falamos aqui da promoção e implementação acríticas de tecnologias digitais que favorecem a reprodução dos desenhos de poder e opressão que já estão em vigor.

O principal problema na superfície é que sistemas algorítmicos podem transformar decisões e processos em *caixas opacas inescrutáveis*, isto é, tecnologias repletas de problemas são lançadas na sociedade e podem aprofundar discriminações, que vão de buscadores que representam negativamente pessoas negras até softwares de policiamento preditivo – uso de dados e análises para prever o crime – que fortalecem a seletividade penal.

Mas o racismo algorítmico não é só a questão dos *softwares* em si, abarca também tecnologias digitais emergentes, que mesmo com tantos problemas são lançadas de forma cada vez mais acelerada. Isto acontece porque as pessoas vulnerabilizadas por tais sistemas são minorias políticas e econômicas que têm seus direitos colocados em último lugar nas prioridades do setor privado e governamental.

[...]

O racismo algorítmico é uma espécie de atualização do racismo estrutural, sua ponta de lança na era da *datificação* da sociedade. A manutenção do racismo como sistema de produção de vantagens em prol de um grupo hegemônico, a branquitude [...]. Nesse contexto, o desenvolvimento de tecnologias algorítmicas se alimenta do histórico social para oferecer uma pretensa inteligência artificial, que é comprometida com o patriarcado e o colonialismo. Mas essa *desinteligência artificial*, que atualiza opressões como o racismo estrutural, é vendida como neutra.

SILVA, T. O racismo algorítmico é uma espécie de atualização do racismo estrutural. Entrevista cedida a Daiane Batista. *Portal Geledés*, [s. l.], 13 abr. 2023. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/tarcizio-silva-o-racismo-algoritmico-e-uma-especie-de-atualizacao-do-racismo-estrutural/>. Acesso em: 19 set. 2024.

1. Reflita sobre contextos sociais em que o racismo algorítmico pode acontecer. Quais medidas são necessárias para atenuar os efeitos dessa estrutura racial desigual na sociedade?



GLOSSÁRIO

Inescrutável: aquilo que não se pode compreender, incompreensível, impenetrável.

A citação das *big techs* remete a uma outra definição que tem sido muito utilizada para se referir a estes tempos em que vivemos: a concepção de **capitalismo de plataforma**. Essa definição vem sendo utilizada por diversos autores, mas é atribuída ao canadense Nick Srnicek (1982-), professor do King's College London, que apresenta as plataformas, em seus vários tipos, como um novo modelo de empresas adequado à atual fase de acumulação capitalista, comandado não somente pelas grandes empresas de tecnologia, mas também por outras que oferecem os mais diversos serviços. São elas que exploram a profusão de dados que circulam nas redes como a matéria-prima central de produção de valor. Srnicek observa que, assim como na fase do capitalismo que se consolida no século XIX, há uma tendência crescente de constituição de monopólios, ou seja, a concentração cada vez maior de poder econômico nas empresas mais ricas, que vão se apoderando e controlando os empreendimentos menos robustos que surgem e obtêm sucesso com alguma proposta inovadora.

Vários pesquisadores preferem aplicar o conceito de capitalismo de plataforma às transformações que afetam o mundo do trabalho, como o fenômeno da uberização da classe trabalhadora. As plataformas, no caso, representam essas empresas inovadoras, do ponto de vista da economia, que oferecem diversos tipos de serviços a custos mais baixos, investindo em novas formas de emprego de mão de obra precarizada, sem estabelecimento de um vínculo formal de trabalho.

Existe outro conceito relacionado diretamente ao que tratamos anteriormente: o colonialismo de dados, também chamado de colonialismo digital ou colonialismo algorítmico. De acordo com o conceito de **colonialismo de dados**, na atual fase de domínio das tecnologias digitais por poderosas corporações, sejam as oriundas do Vale do Silício, sejam as mais tradicionais do capitalismo mundial, o armazenamento e o controle dos dados sobre as pessoas compõem um novo formato de colonialismo. Um dos pesquisadores que mais se dedicam ao estudo do tema é o sociólogo de mídia e cultura Nick Couldry (1958-), professor da London School of Economics and Political Science (LSE). Couldry, numa obra publicada juntamente com o pesquisador mexicano Ulises Mejias, debate o que os autores chamam de processo de “algoritmização da vida”, proporcionada pelo advento e pelo rápido avanço da inteligência artificial (IA) e do *machine learning* (aprendizado da máquina). Voltaremos ao tema da IA mais adiante.

Nick Couldry define da seguinte maneira esse novo tipo de colonialismo:

[...] Colonialismo de dados é uma ordem emergente, social e econômica para a apropriação da vida humana de forma que se possam extrair continuamente dados dela, visando o lucro. Portanto, é um modo de configurar o mundo inteiro, de tal forma que um recurso novo possa ser extraído – e esse recurso é a vida humana a partir da qual se pode extrair um valor econômico. Digo “visando lucro”, mas naturalmente o valor pode ser extraído de outras formas, tais como os benefícios sociais que o governo recebe ao nos rastrear mais de perto, quando ganha acesso às informações que as corporações comerciais têm de nós.

COULDRY, N. “Pela primeira vez na história humana, a produção de conhecimento funde-se com a produção de lucro”. Entrevista especial com Nick Couldry. Entrevista cedida a Patricia Fachin. *Instituto Humanitas Unisinos*, [São Leopoldo], 12 mar. 2021. Disponível em: <https://ihu.unisinos.br/categorias/159-entrevistas/607425-pela-primeira-vez-na-historia-humana-a-producao-de-conhecimento-funde-se-com-a-producao-de-lucro-entrevista-especial-com-nick-couldry>. Acesso em: 19 set. 2024.

Couldry faz uma associação entre esse colonialismo vinculado às tecnologias de informação e comunicação e o colonialismo histórico, explicando que se mantém a característica de exploração e “extração de recursos”. A diferença diz respeito ao tipo de recurso que é objeto de apropriação – no caso do novo colonialismo, todos os dados que as empresas conseguem obter por meio das mídias digitais.

Vemos, portanto, que, ao pesquisar as mídias digitais e os processos de transformação que as TICs vêm provocando neste século, a Sociologia objetiva compreender esse processo de uma forma crítica e embasada, permitindo identificar o lugar e o papel que podemos assumir como sujeitos ativos e conscientes, se assim o desejarmos, desvelando o mundo que nos cerca para além das suas aparências. Esse é o objetivo dos cientistas sociais no exercício de sua imaginação sociológica: em primeiro lugar, entender o mundo. Depois, procurar explicá-lo da melhor forma possível.

Sociedade de controle, aprendizado de máquina e inteligência artificial

Uma das preocupações teóricas que foi objeto de reflexão do filósofo francês Michel Foucault (1926-1984) dizia respeito ao que ele nomeou de **sociedades disciplinares**. Estas, gestadas nos séculos XVIII e XIX, segundo Foucault, tornaram-se uma característica essencial da sociedade capitalista moderna durante o século XX. Nessas sociedades, determinados “meios de confinamento”, como a escola, a fábrica, o hospital, o quartel e o presídio se configuram como instituições de vigilância, em que o poder é exercido por meio de dispositivos disciplinares, como a organização do espaço físico, o estabelecimento de horários, a escala de hierarquia, entre outros. O controle exercido por todos esses dispositivos é responsável por criar o que Foucault definiu como “corpos dóceis”, ou seja, comportamentos humanos homogêneos e previsíveis; corpos adaptados a essas relações de poder e que pouco resistem a elas.

Gilles Deleuze (1925-1995), outro filósofo francês, contemporâneo e em diálogo constante com a obra de Foucault, formulou, por sua vez, o conceito de **sociedades de controle**. Deleuze supera a organização disciplinar pensada por Foucault ao incorporar em sua análise formas contemporâneas de controle introduzidas pelas diversas tecnologias, afetando as rotinas e os hábitos cotidianos dos indivíduos. Estas rotinas, para Deleuze, diferentemente dos “moldes” definidos pelas sociedades disciplinadoras de Foucault, não existiriam nesse mesmo formato nas sociedades de controle. Essas seriam caracterizadas pela ausência de limites previamente definidos, pelo estabelecimento de um tempo contínuo, sem início e fim, de um aprisionamento em um “campo aberto” de onde não se poderia escapar. Gilles Deleuze estava se referindo, já no início da década de 1990, aos mecanismos de controle e de poder em processo de desenvolvimento pelas tecnologias de informação e comunicação. Segundo o autor, nas sociedades de controle,

[...] o essencial não é mais uma assinatura e nem um número, mas uma cifra: a cifra é uma senha [...]. A linguagem numérica do controle é feita de cifras, que marcam o acesso à informação, ou a rejeição.

DELEUZE, G. *Post-scriptum* sobre as sociedades de controle. In: *Conversações: 1972-1990*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992. p. 222.

Enquanto nas sociedades disciplinares há a moldagem dos corpos, nas sociedades de controle há a regulação do pensamento e do comportamento de cada indivíduo por meio de máquinas. A tecnologia, portanto, substitui os espaços de confinamento por espaços que não são físicos, e sim virtuais, influenciando e manipulando os sujeitos com “formas ultrarrápidas” de controle.

O conceito de sociedade de controle de Deleuze se encaixa como um modelo explicativo possível para refletir sobre o poder que as TICs acumularam no sentido de prever e manipular o comportamento humano nos diversos momentos da nossa vida cotidiana. Esse processo somente aumenta a cada dia, e em uma velocidade exponencial, impulsionado pelo desenvolvimento de *softwares* que tornaram possível, nos dias atuais, o que vem sendo nomeado como **aprendizado de máquina**.

A expressão “aprendizado de máquina”, traduzida do inglês *machine learning*, segundo pesquisadores dessa área, como o professor português de Ciência da Computação Pedro Domingos, “é uma tecnologia que constrói a si própria” tendo como base algoritmos “de aprendizado”. Estes são diferentes dos algoritmos tradicionais, pois, nesse caso, os algoritmos são criados e se reproduzem por si próprios com os programas computacionais que os desenvolvem por meio do acesso a uma quantidade cada vez maior de dados (*Big Data*). Como afirma Domingos, quanto mais dados são acessados, maior é o aprendizado. A essência dessa tecnologia seria a previsão de comportamentos e desejos.

Partindo da tecnologia e do método do aprendizado de máquina, chegamos ao que vem sendo nomeado de **inteligência artificial** (IA). O aprendizado de máquina é, na verdade, apenas uma parte (ou um subconjunto) da IA. De acordo com a cientista da computação Carla Oliveira, mestra em Ciências Humanas e Sociais pela Universidade Federal do ABC, a origem da ideia de IA remonta a 1943, quando o psiquiatra Warren S. McCulloch (1898-1969) e o cientista cognitivo Walter Pitts (1923-1969) escreveram um artigo que intencionava relacionar células nervosas e processos eletrônicos. Já o termo “inteligência artificial” é atribuído ao cientista da computação John McCarthy (1927-2011), que o utilizou pela primeira vez em uma conferência nos Estados Unidos em 1956.

Da mesma forma que o aprendizado de máquina deve ser considerado uma parte da IA, a pesquisadora Carla Oliveira aponta para o surgimento de um novo método que recebeu o nome de **deep learning**, ou “aprendizagem profunda”, em tradução literal. O *deep learning* pode ser entendido como um subconjunto do aprendizado de máquina que aumenta o potencial da utilização dos bancos de dados existentes no planeta como recurso não somente a técnicas computacionais de reconhecimento de imagem e voz, como também à escolha dos dados ideais, visando a determinados objetivos, sem a necessidade de intervenção humana.

Assistentes virtuais utilizam o aprendizado de máquina para reconhecer comandos de voz, responder perguntas, executar tarefas e controlar dispositivos inteligentes.

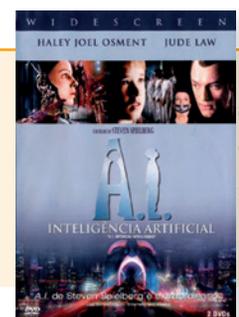


Mulher utilizando assistente virtual.

Para ampliar

Assista

A.I. – inteligência artificial, direção de Steven Spielberg (Warner Bros. Pictures, 2001, 146 min). Ficção científica inspirada em um projeto original do cineasta Stanley Kubrick (1928-1999) sobre a possibilidade da criação de máquinas com sentimentos humanos.



Segundo Carla Oliveira, esse seria um primeiro passo para que máquinas obtenham conhecimento similar aos seres humanos. Do ponto de vista dos avanços em *hardware*, como o cálculo vigente em 2021 era de que a quantidade de **transistores** para processamento de dados dobrava a cada 18 meses, em pouco tempo, de acordo com os cientistas, esse número ultrapassaria a quantidade de células existentes no cérebro humano, que é da ordem de 10 bilhões.

Voltando para a década de 1990, na qual se aceleraram as transformações relacionadas ao avanço das TICs, o cientista estadunidense Vernor Vinge (1944-2024), considerando a rapidez e o alcance das inovações tecnológicas que se anunciavam, formulou a ideia de que a sociedade poderia alcançar o que ele nomeou de **singularidade técnica** ou tecnológica: um momento histórico no qual os seres humanos seriam superados pelas máquinas. A tecnologia poderia permitir isso, segundo Vinge, em razão de quatro avanços tecnológicos:

1. A velocidade com que os computadores são aperfeiçoados e a evolução da inteligência artificial;
2. As redes de computadores se tornarem autoconscientes;
3. As interfaces homem-máquina se tornarem tão complexas que produziriam um estágio evolutivo do homem;
4. A ampliação da inteligência humana natural através de melhores técnicas da ciência biológica.

OLIVEIRA, C. Aprendizado de máquina e modulação do comportamento humano. In: SOUZA, J.; SILVEIRA, S. A.; AVELINO, R. *A sociedade de controle: manipulação e modulação nas redes digitais*. 2. ed. São Paulo: Hedra, 2021. p. 77-78.

GLOSSÁRIO

Transistor: dispositivo semicondutor utilizado em circuitos eletrônicos, como *chips* de computador.

transumanismo

Para encerrar nossas reflexões neste capítulo, é importante salientar que o avanço científico pode efetivamente resultar em melhoria das condições de vida e de sobrevivência dos seres humanos em todo o planeta. Como já chamamos a atenção, há de se pensar se a tecnologia será ou não democraticamente acessível, tendo em vista vivermos em uma sociedade extremamente desigual e considerando, também, que esses avanços tecnológicos se encontram em poder de grandes corporações privadas, que rejeitam qualquer tipo de regulação por parte das instituições públicas, tanto mundialmente quanto no âmbito de cada Estado Nacional.

As ideias de singularidade tecnológica do cientista Vernor Vinge, mencionado anteriormente, estão relacionadas à definição do conceito de **transumanismo**, um movimento filosófico que busca a transformação da condição humana por meio das potencialidades permitidas pelos avanços tecnológicos. Tais potencialidades permitiriam o aumento das capacidades intelectuais, físicas e psicológicas mediante os recursos da inteligência artificial. Assim, caminharíamos para a construção de um futuro “pós-humano”, superando as limitações físicas e biológicas, erradicando o sofrimento causado por doenças e pelo envelhecimento e expandindo as habilidades naturais por meio da fusão entre o ser humano e a máquina.

[...] Transumanismo é a crença de que os seres humanos estão destinados a transcender seu corpo físico através da tecnologia. Eles acreditam que nossa biologia restringe nossa experiência da realidade e que não precisamos aceitar o que nos foi dado pela natureza. De membros e olhos biônicos à criação de novos sentidos e prolongamento da expectativa de vida, esses indivíduos estão redefinindo o que significa ser humano.

O movimento está interferindo em todos os aspectos da vida, incluindo assistência médica, cultura, política e inteligência artificial. O perfil dos transumanistas é tão diverso quanto suas criações, de artistas e diretores executivos a acadêmicos e hackers amadores. O trabalho dos indivíduos retratados neste livro demonstra como a otimização de nossos cérebros e corpos poderia revolucionar e redefinir a humanidade. Como arquitetos do corpo humano, a imaginação é nosso único limite.

Apesar de essas ideias terem surgido há muito tempo nas páginas de revistas em quadrinhos e livros de ficção científica, o movimento – atualmente uma realidade – está começando a interferir significativamente na rotina de empresas e indivíduos. Com a tecnologia evoluindo tão rapidamente quanto evolui hoje em dia, novas mudanças são iminentes. [...]

VINTINER, D. 15 fotos que mostram o futuro da evolução humana. Entrevista cedida a Gabriel H. Sanchez. *BuzzFeed News*, [s. l.], 13 abr. 2020. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20200414160340/https://www.buzzfeed.com/br/gabrielsanchez/15-fotos-do-futuro-da-evolucao-humana?origin=shp>. Acesso em: 26 set. 2024.



Homem utilizando exoesqueleto mecânico em tratamento de reabilitação dos movimentos. Espanha, 2023.



1. Sobre o tema da exclusão digital, indique no caderno qual dos seguintes desafios é central para a construção de uma sociedade da informação mais justa e inclusiva no Brasil.
 - a) Aumentar a velocidade de conexão à internet em todo o território nacional.
 - b) Promover a alfabetização digital e o acesso universal às Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs).
 - c) Estimular a produção de conteúdo digital nacional em detrimento de conteúdo estrangeiro.
 - d) Criar leis mais rígidas para o controle e a censura da informação na internet.
 - e) Incentivar a competição entre empresas de tecnologia para reduzir os preços dos dispositivos eletrônicos.

2. Leia o excerto a seguir.

O Facebook aplica literalmente um slogan bem conhecido de todos os especialistas em marketing: “Se é de graça, você é o produto”. O “produto”, neste caso, são os dados que cada usuário fornece à rede social sempre que reage a várias publicações – via “curtidas”, ou emoticons – que ele mesmo disponibiliza, ou pesquisa.

“SE é de graça, você é o produto”: saiba como Facebook lucra com dados de usuários. *RFI*, [s. l.], 20 mar. 2018. Disponível em: <https://www.rfi.fr/br/mundo/20180320-se-e-de-graca-voce-e-o-produto-saiba-como-facebook-lucra-com-dados-de-usuarios>. Acesso em: 16 set. 2024.

- O capitalismo de plataforma é um modelo econômico contemporâneo que se caracteriza pelo papel central das plataformas digitais na organização e na geração de valor. Explique o papel dos dados dos usuários nessa nova fase do capitalismo.

3. (Uece – 2024) Uma das características das sociedades modernas hoje é a adoção contínua e ampliada do uso de tecnologias comunicacionais e informacionais na vida cotidiana. Serviços bancários, comércio eletrônico, telessaúde, serviços de transportes e de entregas por aplicativos e as redes sociais são constantes nas interações do dia a dia de milhões de pessoas em países como Brasil e EUA. Porém, ao mesmo tempo que esse avanço é rápido, existe lentidão na absorção crítica e consciente no uso dessas tecnologias, além do surgimento de atuais problemas sociais como os variados tipos de crimes digitais, a precarização dos trabalhadores de aplicativo, o vício no uso de redes sociais e transtornos psicológicos associados, além da propagação, por vezes sem controle, de notícias falsas. É necessário que governos, sociedade civil e grandes empresas operadoras dessas tecnologias se responsabilizem e tomem medidas que possam conscientizar, amenizar e combater esses problemas gerados pelas tecnologias que deveriam servir para o melhoramento da vida em sociedade.

Considerando o enunciado, é correto afirmar que

- a) as novas tecnologias comunicacionais promovem transformações sociais que não podem ser barradas por excessos de controle governamental ou privado.
 - b) a multiplicidade de serviços possibilitados pelas novas tecnologias de informação alcança muito mais pessoas, mas de modo irregular e criminoso.
 - c) as empresas que operam o ambiente virtual das redes sociais são as que têm menor parcela de culpa no uso irresponsável da internet pelas pessoas viciadas.
 - d) o desenvolvimento de tecnologias de informação e comunicação está em descompasso com o uso reflexivo e adequado por parte dos seus usuários.
4. Leia o trecho a seguir e faça o que se pede.

Regulação da internet é essencial para combater ataques a escolas [...]

[...]

Somente depois do ataque à escola em Blumenau, no dia 5 de abril [de 2023], 225 pessoas foram presas ou apreendidas, no caso de menores, por suspeitas de envolvimento no caso. Além disso, a Justiça já retirou ou suspendeu 756 perfis em redes digitais dedicados a difundir ódio, conforme o ministro da Justiça.

Por regular redes sociais e serviços de mensagens, a proposta é considerada um instrumento importante para combater a violência nas escolas. [...]

Entre as regras que o projeto estabelece estão a retirada imediata, da internet, de conteúdos que que possam causar dano iminente de difícil reparação ou que violem direitos de criança e adolescentes. Também deverão ser imediatamente excluídas publicações que coloquem em risco a segurança do usuário ou que contenham crimes previstos na Lei do Racismo (Lei 7.716/89).

NEVES, M. Regulação da internet é essencial para combater ataques a escolas, aponta Flávio Dino. *Agência Câmara de Notícias*, [Brasília, DF], 18 abr. 2023. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/953831-regulacao-da-internet-e-essencial-para-combater-ataques-a-escolas-aponta-flavio-dino/>. Acesso em: 16 set. 2024.

- a) Após o ataque ocorrido em uma escola brasileira em abril de 2023, a responsabilização das empresas de tecnologia pelos crimes de ódio e incitação à violência praticados por usuários tornou-se uma das controvérsias que surgiram durante a elaboração do Marco Civil da Internet. Pesquise sobre essa regulamentação e indique possíveis razões para tal medida ter dividido opiniões na sociedade brasileira.
- b) O debate sobre a regulamentação das redes sociais está presente em outros países? De que maneira?

O acesso ao cinema no Brasil como tema da redação do Enem.

Agora que você já teve contato com as análises sociológicas a respeito das relações de trabalho, do sistema econômico capitalista, compreendeu melhor a instituição do Estado e como um governo democrático é construído com base nas lutas dos movimentos sociais, está na hora de aplicar esses conhecimentos ao exercício da construção da redação do Enem. Os conteúdos estudados ao longo desta unidade podem ajudar a organizar as informações, a desenvolver argumentos e a construir intervenções inovadoras.

Em 2019, o tema da redação proposto no exame foi “**Democratização do acesso ao cinema no Brasil**”. Considerando o cinema como uma forma de acessar o lazer e a cultura, analise o artigo 6º e o 227º da Constituição Brasileira (1988):

Art. 6º São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o **lazer**, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição.

Art. 227. É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao **lazer**, à profissionalização, à **cultura**, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à **convivência familiar e comunitária**, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.

BRASIL. [Constituição (1988)]. *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Brasília, DF: Presidência da República, [2016]. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 16 set. 2024.

Agora, **leia um dos textos motivadores** que foram utilizados no Enem:

O Brasil já teve um parque exibidor vigoroso e descentralizado: quase 3300 salas em 1975, uma para cada 30000 habitantes, 80% em cidades do interior. Desde então, o país mudou. Quase 120 milhões de pessoas a mais passaram a viver nas cidades. A urbanização acelerada, a falta de investimentos em infraestrutura urbana, a baixa capitalização das empresas exibidoras, as mudanças tecnológicas, entre outros fatores, alteraram a geografia do cinema. Em 1997, chegamos a pouco mais de 1000 salas. Com a expansão dos *shopping centers*, a atividade de exibição se reorganizou. O número de cinemas duplicou, até chegar às atuais 2200 salas. Esse crescimento, porém, além de insuficiente (o Brasil é apenas o 60º país na relação

habitantes por sala), ocorreu de forma concentrada. Foram privilegiadas as áreas de renda mais alta das grandes cidades. Populações inteiras foram excluídas do universo do cinema ou continuam mal atendidas: o Norte e o Nordeste, as periferias urbanas, as cidades pequenas e médias do interior.

Disponível em: <https://cinemapertodevoce.ancine.gov.br>. Acesso em: 13 jun. 2019 (fragmento).

Considerando a proposta de redação “Democratização do acesso ao cinema no Brasil”, atenda aos passos a seguir:

1. Para começar, você deve **analisar os dois conceitos-chave** dessa proposta de redação. São eles: **democratização** e **cinema**. Em seu caderno, **responda às duas perguntas**: a) o que significa democratizar o acesso a determinado recurso ou serviço?; b) como o cinema está relacionado ao direito ao lazer e à cultura, previstos na Constituição Brasileira de 1988?
2. Em seguida, é hora de mobilizar os conhecimentos sociológicos apresentados na Unidade 2. Relembre os temas estudados e **selecione qual deles pode ajudar no desenvolvimento do argumento** da redação: trabalho, capitalismo, questão ambiental, cidadania, direitos, Estado, democracia, movimentos sociais, mídia e tecnologia.
3. Estruturar sua redação é um exercício fundamental para se fazer antes de partir para a escrita do texto. Mantenha em mente que, para esse exercício, você precisará utilizar a competência 3 da Redação do Enem, selecionando, organizando e relacionando opiniões e argumentos de diferentes pontos de vista sobre o tema. Nesta etapa, **escreva em tópicos duas ou três ideias que serão abordadas em cada parágrafo: um para a introdução, dois ou três para o desenvolvimento, e um para conclusão**. Por exemplo: número de salas de cinema no Brasil, diferenças e possíveis desigualdades regionais na distribuição das exhibições de cinema no país, lazer e cultura enquanto direitos assegurados pela Constituição Brasileira.
4. Depois de ter analisado os conceitos-chave da proposta, mobilizado os conhecimentos sociológicos e estruturado a redação, não se esqueça de intervir! A competência 5 pede que você elabore uma proposta de intervenção, considerando o respeito aos direitos humanos. Portanto, **responda em formato de tópicos: como o poder público e a sociedade podem criar estratégias para democratizar o acesso ao cinema no Brasil?** Responder a essa pergunta será fundamental para desenvolver sua escrita, que deverá apresentar uma criativa solução para a questão.

O acesso ao saneamento básico e as desigualdades sociais



O saneamento básico é um elemento importante para a qualidade de vida, a saúde pública e o desenvolvimento social. No Brasil, a falta de acesso adequado a serviços de saneamento impacta negativamente a vida de milhões de pessoas, agravando desigualdades sociais e econômicas. Dados do Sistema Nacional de Informações sobre Saneamento (SNIS) mostram que, em 2022, cerca de 35 milhões de brasileiros não tinham acesso à água potável, e mais de 90 milhões viviam sem coleta de esgoto.

A ausência de saneamento básico está diretamente relacionada à proliferação de doenças como diarreia, cólera, leptospirose e hepatite A, principalmente em áreas de baixa renda. A Organização Mundial da Saúde (OMS) estima que 88% das mortes por doenças diarreicas estão ligadas à falta de água tratada e de saneamento adequado. Além disso, crianças que vivem em locais sem saneamento têm maiores riscos de desnutrição e atrasos no desenvolvimento cognitivo.

As consequências também se estendem à educação e ao trabalho: estudos apontam que crianças em comunidades sem saneamento básico faltam mais à escola devido a doenças, o que afeta o desempenho escolar e limita futuras oportunidades de emprego. A produtividade econômica do país também é prejudicada, já que trabalhadores adoecem com maior frequência em áreas sem saneamento adequado, o que aumenta os custos com saúde pública e reduz a força de trabalho.

Esta atividade propõe a realização de uma **saída de campo** e um **minidocumentário** com base nela.

Etapa 1: Organize-se, com os colegas, em grupos de três ou quatro pessoas. O objetivo é elaborar coletivamente um minidocumentário sobre alguma questão social relevante para a comunidade, focando a relação entre trabalho, falta de saneamento básico e desigualdade social. Identifiquem, em conjunto, um tema específico que afete diretamente a comunidade local (moradia precária, falta de água tratada, impactos na saúde infantil, entre outros).



Etapa 2: Façam uma pesquisa inicial sobre a questão escolhida. Essa etapa inclui levantamento de dados, consultas a materiais disponíveis na internet, como reportagens e estudos, e uma visita a um local relevante para o tema (pode ser a própria comunidade ou o posto de algum serviço público). Com apoio do professor, planejem uma entrevista com profissionais ou moradores que possam dar depoimentos sobre o tema.

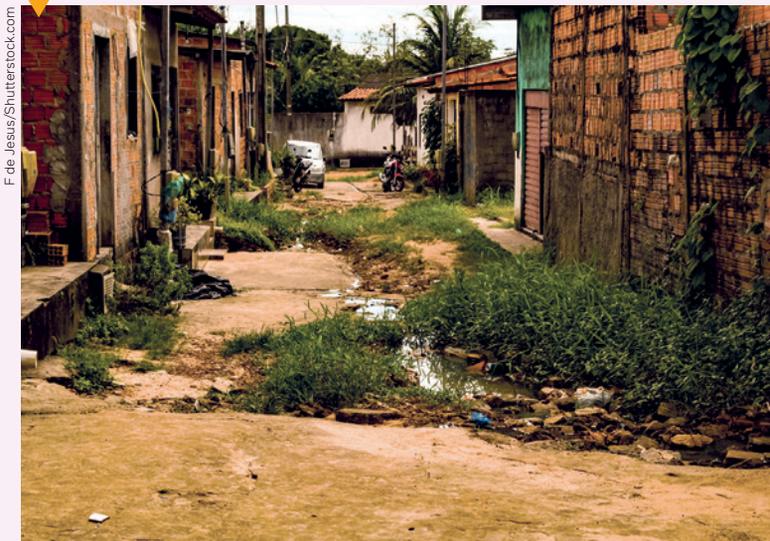
Etapa 3: Elaborem um roteiro para o documentário, incluindo perguntas aos entrevistados que abordem condições de trabalho, acesso a serviços básicos (como saneamento, água e eletricidade) e de que modo esses fatores afetam o cotidiano das pessoas. Exemplos: Como as condições de trabalho impactam a vida das pessoas em sua comunidade? Quais são os principais desafios relacionados ao saneamento básico e à saúde? Como as desigualdades sociais se manifestam no acesso a serviços essenciais?

Etapa 4: Realizem as entrevistas e captem imagens que representem a situação da comunidade (usem celulares para gravar vídeos e registrar fotografias). Lembrem-se de solicitar a autorização dos entrevistados para o uso das imagens e dos depoimentos no documentário.

Etapa 5: Reúnam o material gravado e, com o auxílio de ferramentas de edição de vídeo (disponíveis em celulares ou computadores), montem um minidocumentário de até 10 minutos. Certifiquem-se de incluir análises e conexões com o conteúdo trabalhado em sala sobre as relações entre trabalho, estratificação social e desigualdade.

Etapa 6: Apresentem o minidocumentário à turma. Em seguida, participem de uma roda de conversa para discutir como a atividade realizada ajudou a entender melhor questões relacionadas ao trabalho, à desigualdade social e ao impacto disso na comunidade. Refletir sobre o aprendizado adquirido com as entrevistas e discussões é parte fundamental do projeto. Como o estudo sociológico e a observação da realidade o ajudaram a compreender a relação entre trabalho, política e desigualdade social? De que maneira o conteúdo aprendido pode ser aplicado em soluções e melhorias para sua comunidade?

Investir em saneamento básico é essencial para garantir dignidade, saúde e desenvolvimento sustentável. O acesso universal a esses serviços é uma meta do Objetivo de Desenvolvimento Sustentável (ODS) 6, das Nações Unidas, que visa assegurar a disponibilidade e gestão sustentável da água e do saneamento para todos até 2030.



Rua sem saneamento básico. São Luís (MA), 2022.



Exames Brasil afora

1. (Enem – 2023)

“O trabalhador pode até saber que sua fábrica produz aviões ou medicamentos, mas a sua parcela de atividade está totalmente subordinada a uma estrutura abstrata, diluída numa massa de atividades conexas, em muitos casos dividida em diversos continentes e em proprietários não visíveis. Ele não se reconhece na materialidade final do seu trabalho, que se lhe afigura como obra da “empresa”, e sua subordinação parece ser ao ‘sistema’”.

FONTES, V. **Capitalismo em tempo de uberização**: do emprego ao trabalho. Disponível em: www.niepmarx.blog.br. Acesso em: 6 out. 2021 (adaptado).

Segundo o texto, a razão para a dificuldade do trabalhador em reconhecer o seu labor é a

- a) fragmentação da produção.
- b) regionalização da economia.
- c) aglomeração da indústria.
- d) flexibilização da jornada.
- e) qualificação da função.

2. (UFU-MG – 2023)

“Há pouco mais de uma semana, quando a varejista Amazon foi acusada de fazer com que seus funcionários trabalhassem em horários excessivos a ponto de terem de urinar em garrafas plásticas, a companhia do homem mais rico do mundo, Jeff Bezos, afirmou que, “se isso fosse verdade, ninguém trabalharia conosco”. [...]. Nesta sexta-feira (2), no entanto, a Amazon voltou atrás e pediu desculpas [...] e acabou admitindo que sim, alguns funcionários não têm tempo de ir ao banheiro e acabam urinando em garrafas de água.”

VITORIO, Tamires. **Com horários de trabalho excessivos, funcionários da Amazon urinam em garrafas**. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/>. Acesso em: 20 abr. 2023. (Fragmento adaptado).

A notícia de que uma das principais empresas varejistas contemporâneas admitiu que uma parte de seus funcionários trabalha em condições precárias é um testemunho de como

- a) a formação de sindicatos fortes, a partir da emergência do toyotismo, não impede a exploração do trabalho.
- b) a maior flexibilização dos vínculos trabalhistas passa a exigir uma maior qualificação técnica do trabalhador.
- c) a desregulamentação do trabalho tem como consequência o fortalecimento do papel do Estado de bem-estar social.
- d) a sociedade contemporânea produz uma contradição entre a modernização e a regressão das condições de trabalho.

3. (UEL-PR – 2023)

A partir da segunda metade do século XX, nações em todos os continentes têm incorporado às suas agendas de discussão as temáticas do meio ambiente e do desenvolvimento sustentável. Dessas discussões surgiu uma série de conferências, protocolos e acordos internacionais sobre o tema.

Com base nos conhecimentos sobre os temas, considere as afirmativas a seguir.

- I. A Conferência de Estocolmo foi realizada no ano de 1972 sendo a primeira conferência ambiental no mundo e na qual foi elaborada a “Declaração de Estocolmo”, com o objetivo de diminuir os impactos ambientais negativos de modo a atingir o desejado desenvolvimento sustentável.
- II. A ECO 92 apresentou como resultado o relatório conhecido como “Relatório de Brundtland”, no qual os especialistas afirmaram que o foco das discussões deixaria de ser a poluição, passando a ser as mudanças climáticas e a perda da biodiversidade.
- III. O Acordo de Paris ocorreu em 2017, sendo firmado pelos países desenvolvidos. Teve como resultado o documento “Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS)”, no qual foram delineados 15 grandes objetivos a fim de contribuir para atingir a Agenda 2030 no Brasil.
- IV. A Conferência das Nações Unidas sobre o Desenvolvimento Sustentável, mais conhecida como Rio+20, marcou os 20 anos da realização da Rio 92. O resultado foi o documento “O Futuro que queremos”, com metas a serem atingidas visando ao desenvolvimento sustentável para as duas décadas seguintes.

Assinale a alternativa correta.

- a) Somente as afirmativas I e II são corretas.
- b) Somente as afirmativas I e IV são corretas.
- c) Somente as afirmativas III e IV são corretas.
- d) Somente as afirmativas I, II e III são corretas.
- e) Somente as afirmativas II, III e IV são corretas.

4. (Uema – 2020)

Políticas públicas e a questão ambiental no Brasil

A relação do ser humano com o meio ambiente varia conforme o contexto social, político, econômico e cultural. Entre os anos de 1988 e 2008, cerca de 370 mil km² da Floresta Amazônica foram desmatados, segundo os dados do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE). Diante da pressão de organizações nacionais e internacionais para a reversão dessa situação, o governo brasileiro, em 2008, definiu uma política de controle das ações humanas sobre a chamada Amazônia Legal. Para tal, criou o Fundo Amazônia que tem por finalidade

captar doações para investimentos em ações de preservação, de monitoramento e de combate ao desmatamento, incentivando atividades econômicas de manejo florestal sustentável.

PEREIRA, Thaís Helena Miguel. Filosofia e Sociologia: 1ª série. Fortaleza: Sistema Ari de Sá de Ensino, 2018. (Adaptado).

A política pública de controle das ações humanas sobre a chamada Amazônia Legal, explicitada no texto, enquadra-se em uma relação entre sociedade e meio ambiente que visa

- a) divulgar a insustentável situação do meio ambiente.
- b) manter os recursos naturais intocáveis.
- c) promover a redução do consumo de bens e de serviços.
- d) combater a lucratividade das empresas sobre o meio ambiente.
- e) propor a conciliação do desenvolvimento com o meio ambiente.

5. (UEL-PR – 2024)

A criação de direitos foi, nos anos de 1950, objeto de estudo do sociólogo britânico Thomas Humphrey Marshall, que desenvolveu a ideia de cidadania como um status concedido aos que são membros integrais de uma comunidade. Com base nos conhecimentos sobre Cidadania e Direitos em Marshall, assinale a alternativa correta.

- a) O direito político ao voto no século XIX promoveu a distribuição igualitária de poder, superando de fato a incompatibilidade política entre igualdade e desigualdade.
- b) Os direitos civis, articulados à teoria liberal, independem do Estado, de modo que cada indivíduo é responsável pela sua garantia, bem como por sua liberdade.
- c) Os direitos sociais surgiram da luta por liberdade contratual, no século XIX, com vistas à garantia de saúde, educação, moradia, lazer e previdência social.
- d) Os direitos civis, políticos e sociais compõem o desenvolvimento progressivo da cidadania, distinguindo-se ao longo do tempo no processo de diferenciação das instituições que os reconheciam.
- e) Os direitos políticos precedem os direitos civis e sociais por pressuporem a existência de um status de liberdade, contribuindo para a adição gradativa de outros direitos.

6. (UEPG-PR – 2022)

Sobre os chamados direitos sociais, assinale o que for correto.

01) Na configuração dos estágios de direitos de cidadania, compreendidos por T. H. Marshall, os direitos sociais na Europa precederam os direitos civis e políticos.

02) O direito à educação e o direito à saúde não são considerados direitos sociais.

04) O dia remunerado de descanso e as férias remuneradas, previstos nas legislações do trabalho de muitos países, podem ser vistos como uma extensão do direito ao lazer, previsto em muitas Constituições.

08) No Brasil do século XIX, a noção de direitos sociais era praticamente inexistente.

7. (UEL-PR – 2024)

Leia o texto a seguir.

“Os níveis globais de democracia caíram em 2022 para patamares mais baixos do que em 1986 e o número de Estados comandados por ditaduras se tornou maior do que o de democracias plenas pela primeira vez desde 1995, segundo relatório anual sobre democracia feito pelo instituto sueco V-Dem, ligado à Universidade de Gotemburgo. A pesquisa é considerada uma referência na medição dos níveis de regimes políticos em nível mundial e os divide em quatro vertentes: democracias liberais, democracias eleitorais, autocracias eleitorais e ditaduras. Para classificar mais de 180 países nesses critérios, o instituto avalia itens como liberdade de imprensa, independência entre os poderes, repressão policial e integridade do sistema eleitoral, entre outros. Segundo o relatório, o número de democracias plenas no mundo caiu de 44 em 2009 para 32 em 2022. Já o número de ditaduras, que em 2012 estava em 22, seu número mais baixo, subiu para 33. As ditaduras incluem países como Nicarágua, China e Coreia do Norte.”

Adaptado de: www.dgabc.com.br

Com base nos conhecimentos sobre Democracia e regimes não democráticos, considere as afirmativas a seguir.

- I. A democracia eleitoral amplia e aprofunda os princípios da democracia liberal, tornando-se um referencial político para a superação da crise no sistema representativo.
- II. A democracia deliberativa apresenta características que permitem a ela ser implementada em larga escala, constituindo uma alternativa viável à democracia representativa.
- III. Autocracias eleitorais apresentam mecanismos de legitimação política definidos por regras democráticas de sucessão do poder.
- IV. Ditaduras como a China impactam no equilíbrio da balança global de poder, criando dependência econômica e afetando os índices globais de liberdade e direitos humanos.

Assinale a alternativa correta.

- a) Somente as afirmativas I e II são corretas.
- b) Somente as afirmativas I e IV são corretas.
- c) Somente as afirmativas III e IV são corretas.
- d) Somente as afirmativas I, II e III são corretas.
- e) Somente as afirmativas II, III e IV são corretas.

8. (Santa Casa-SP – 2023)

“A radicalização política dos anos 60 foi dessa gente jovem. Os jovens radicais eram liderados por membros de seu grupo de pares. Isso se aplicava visivelmente aos movimentos estudantis mundiais, mas onde estes provocaram motins operários em massa, como na França e na Itália em 1968-9, a iniciativa também veio de jovens operários. Ninguém, com as limitações da vida real, poderia ter idealizado os *slogans* confiantes, mas patentemente absurdos, dos dias parisienses de maio de 1968, nem do “outono quente” de 1969: *“tutto e subito”*, queremos tudo e já.”

(Eric J. Hobsbawm. *Era dos extremos: o breve século XX*, 1995. Adaptado.)

Considerando o conteúdo do excerto e conhecimentos sobre os anos cinquenta e sessenta do século passado, observa-se que

- a) as mobilizações sociais eram um fenômeno exclusivamente ocidental.
- b) as manifestações eram lideradas por políticos de partidos tradicionais de esquerda.
- c) os ativismos contestatórios restringiam-se às esferas das lutas políticas.
- d) os movimentos operários defendiam o fim da economia agroindustrial.
- e) as manifestações contrapunham-se aos ritmos habituais das mudanças sociais.

9. (Uece – 2020)

Leia com atenção o seguinte fragmento a respeito dos movimentos sociais na era da Internet:

“Os movimentos sociais são produtores de novos valores e objetivos em torno dos quais as instituições da sociedade se transformaram a fim de representar esses valores, criando novas normas para organizar a vida social. Os movimentos sociais exercem o contrapoder construindo-se, em primeiro lugar, mediante um processo de comunicação autônoma, livre do controle dos que detêm o poder institucional. Como os meios de comunicação de massa são amplamente controlados por governos e empresas de mídia, na sociedade em rede, a autonomia de comunicação é basicamente construída nas redes da internet e nas plataformas de comunicação sem fio. As redes sociais digitais oferecem a possibilidade de deliberar sobre e coordenar as ações de forma amplamente desimpedida.

Entretanto, esse é apenas um componente do processo comunicativo pelo qual os movimentos sociais se relacionam com a sociedade em geral. Eles também precisam construir um espaço público, criando comunidades livres no espaço urbano. Uma vez que o espaço público institucional, o espaço constitucionalmente designado para a deliberação, está ocupado pelos interesses das elites dominantes e suas redes, os movimentos sociais

precisam abrir um novo espaço público que não se limite à Internet, mas se torne visível nos lugares da vida social”.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança:** movimentos sociais na era da Internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

Considerando a compreensão de Castells acerca dos movimentos sociais na “era da Internet”, assinale a afirmação verdadeira.

- a) Os movimentos sociais, em toda a história das sociedades, reproduziram os valores tradicionais e buscaram a manutenção dos interesses de poder.
- b) As novas redes de comunicação virtual são suficientes para comporem e orquestrarem os movimentos sociais nas sociedades contemporâneas.
- c) O poder público dos Estados modernos concede os espaços físicos das cidades para que os movimentos sociais possam se manifestar livremente.
- d) Os movimentos sociais, em uma época de redes de comunicação livres e democráticas, tendem a ser mais autônomos diante dos poderes dominantes.

10. (UFU-MG – 2023)

A fim de ampliarem sua influência, as associações cívicas e os movimentos sociais devem procurar atingir diferentes agendas: a dos meios de comunicação, a dos partidos políticos e a dos corpos parlamentares e administrativos. Através dos media, as questões e causas de atores cívicos podem alcançar uma audiência muito mais ampla do que seria possível por meio de ações diretas. Os media contribuem para inserir temas na agenda pública, para configurar a percepção que os cidadãos têm das questões-chave da política e, também, para construir o senso que as autoridades políticas formam sobre a reação dos cidadãos.

MAIA, Rousiley C. M. Atores da sociedade civil e ação coletiva: relações com a comunicação de massa. **Lua Nova**, São Paulo, v. 76, p. 87-118, 2009. (Fragmento).

Ao descrever a necessidade do uso das mídias de massa pelos atores que formam a sociedade civil, revela-se como, na democracia participativa, os diferentes atores da sociedade civil

- a) utilizam-se da mídia para enfraquecer a capacidade de representação dos partidos políticos e os poderes do Estado.
- b) procuram controlar a mídia para conquistar a opinião pública e obter o fim da interferência estatal no espaço público.
- c) visam se mobilizar, por meio do uso das mídias sociais, para definir a posição da burguesia na esfera pública.
- d) podem influenciar as pautas políticas pelos meios de comunicação, mesmo sem controlar o Estado.

11. (Uece – 2022)

Thomas Hobbes (1588-1679) é considerado, ao lado de John Locke (1632-1704) e Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), como um “contratualista”. O contratualismo é uma teoria social e política desenvolvida por esses pensadores e que aponta, de forma geral, o nascimento das sociedades ou do convívio social humano a partir da passagem de um “estado de natureza” para o “mundo social”. Em síntese, os primeiros grupos humanos, para poderem conviver, tiveram que reprimir sua “animalidade” ou “natureza humana” fazendo “pactos” ou “contratos” a fim de se preservarem mutuamente e conviverem. Para Hobbes, especificamente, essa “natureza humana” faz com que os seres humanos vivam em constante guerra de uns contra os outros. E, para findar tal estado de “conflito natural”, é preciso que exista um “poder soberano” que mantenha todos em respeito mútuo.

No que diz respeito à perspectiva contratualista de Thomas Hobbes, assinale a afirmação verdadeira.

- a) O Estado é o poder soberano que impede a guerra generalizada entre os seres humanos e serve para controlar as naturais tendências destruidoras.
- b) O ser humano vive na desconfiança em relação aos outros e, para preservar sua vida, deve antecipar o perigo e atacar primeiro.
- c) Como o homem é sempre alvo de algum malfeito, deve, de imediato, se acautelar e esconder-se em algum lugar seguro para não ser vitimado.
- d) As três razões da natureza humana que podem impedir a guerra generalizada entre os homens são a competição, a desconfiança e a busca pela glória.

12. (Enem – 2023)

“Elas foram as pioneiras dos direitos das mulheres no Afeganistão. Defensoras ferrenhas da lei, buscaram justiça para os mais marginalizados. Mas, agora, mais de 220 juízas afegãs estão escondidas por medo de retaliação sob o regime do Talibã. Uma delas condenou centenas de homens por violência contra as mulheres, incluindo estupro, assassinato e tortura. Mas poucos dias depois que o Talibã assumiu o controle de sua cidade e milhares de criminosos condenados foram libertados da prisão, as ameaças de morte começaram. O país sempre foi considerado um dos lugares mais difíceis e perigosos do mundo para as mulheres. De acordo com estudos de organizações não governamentais, cerca de 87% das mulheres e meninas serão vítimas de abuso durante a vida.”

Disponível em: <https://g1.globo.com>. Acesso em: 12 out. 2021 (adaptado).

O texto evidencia situação representativa de

- a) afronta às estruturas sociais.
- b) desprezo aos valores religiosos.

- c) transgressão às normas morais.
- d) desrespeito à dignidade humana.
- e) oposição aos princípios hierárquicos.

13. (Enem – 2023)

“Por trás da “mágica” do Google Assistant de sua capacidade de interpretar 26 idiomas está uma enorme equipe de linguistas distribuídos globalmente, trabalhando como subcontratados, que devem rotular tediosamente os dados de treinamento para que funcione. Eles ganham baixos salários e são rotineiramente forçados a trabalhar horas extras não remuneradas. A inteligência artificial não funciona com um pozinho mágico. Ela funciona por meio de trabalhadores que treinam algoritmos incansavelmente até que eles automatizem seus próprios trabalhos.”

A Inteligência Artificial 23(IA) da economia freelancer está vindo atrás de você. Disponível em: <https://mittechreview.com.br>. Acesso em: 6 out. 2021 (adaptado).

O texto critica a mudança tecnológica em razão da seguinte consequência:

- a) Diversificação da função.
- b) Mobilidade da população.
- c) Autonomia do empregado.
- d) Concentração da produção.
- e) Invisibilidade do profissional.

14. (Unicentro-PR – 2023)

Leia o texto a seguir.

“Pierre Bourdieu redefine a famosa concepção de Estado moderno de Max Weber ao afirmar que o Estado é o “detentor do monopólio da violência simbólica legítima.”

(BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002, p. 146.)

Weber caracterizava o Estado moderno pelo fato de ser o detentor do monopólio legítimo do uso da força física.

Assinale a alternativa que identifica o fenômeno de formação do Estado moderno, sintetizada na definição de Bourdieu.

- a) A formação de um campo econômico, que tem o poder de determinar o sistema monetário de um país.
- b) A formação de um campo educacional, que tem o poder de instruir e preparar para o convívio em sociedade os cidadãos de um país.
- c) A formação de um campo jurídico, que tem o poder de determinar as leis e os demais códigos jurídicos de um país.
- d) A formação de um campo político, que tem o poder de determinar o sistema eleitoral de um país.
- e) A formação de um campo religioso, que tem o poder de definir as crenças e o exercício dos rituais religiosos de um país.